

16 DE JULHO



FOI há 31 anos que Pai Américo partiu para o Céu. Depois da missão cumprida regressou ao seio do Pai. Cumpriu, assim o cremos. Preparou a hora do regresso ao longo da sua vida. Mesmo durante aqueles anos que, aparentemente, nada tiveram a ver com a fase mais expressiva aos nossos olhares. Que vida!

Por isso, se no pensar de muitos a sua morte foi «uma perda irreparável», para nós nunca o foi. O 16 de Julho é o dia da Obra da Rua. É a Festa — encontro definitivo com o Amor que o seduziu e o queimou até ao fim.

Agora, melhor que em vida, pode ver as maravilhas que Deus foi realizando por ele; pode entender, sem sombras, que só quem ama de verdade, faz a revolução sem nada tirar ao homem ou feri-lo na sua dignidade. Fez a experiência enquanto na terra. Ajudou outros a que a fizessem. Quantas cartas, quantos gestos e sinais nos chegam a dar testemunho desta verdade! A medida que vão amando, mais livres vão ficando. Mais contentes vão vivendo.

Pai Américo vê tudo. Está presente em todos, goza e intercede. Por isso, celebramos este dia com muita esperança e perguntamos: Se ele, porque não nós? É que descobriu e realizou o que Deus planeou a seu respeito ainda antes de ser concebido no ventre de sua mãe. Demorou tempo a descobrir. E nunca foi capaz de medir todo o alcance dos passos que ia dando.

Vamos reflectir um pouco. Já nos interrogámos sobre o que Deus espera de nós? Temo-nos preocupado com assunto de tamanha importância? Como aconteceu com Pai Américo também se dá connosco. Ele não viu tudo. Ia vendo. Procurava dar resposta. Estava sempre pronto. Só um coração pobre é capaz de viver assim. Sentia-se empurrado. Era o garoto da rua. Era o doente incurável. Eram os sem casa. E caminhava. A medida que ia andando mais vontade tinha de caminhar. Não importava fazer muito ou pouco. Viver é fazer. Viver é amar. O caminho mais eficaz foi o das coisas simples. Aparentemente sem grande importância. É um caminho acessível a todos. Dava um passo e logo via onde e como dar o outro. Nada de saltos.

É a vida do coração simples e interessado. Toda feita de perguntas e respostas. Diante do

Continua na QUARTA página

AQUI LISBOA!

«Ele há gente que corre atrás da vida como os cachopos da minha terra atrás dos foguetes, sem dar fé nem se importar com os ais de ninguém!» (Pai Américo)

Entramos no período de festas e romarias da época calmosa, com o dispêndio de verbas avultadas, sem contrapartidas sociais benéficas em relação aos mais desprotegidos de cada lugar ou freguesia. Todos os anos sucede o mesmo, sem arrepios ou mudanças da mentalidade. Faz pena que assim suceda e tal em nada abona as pessoas ou colectividades empenhadas nessas iniciativas.

Milhares e milhares de contos se vão gastar ou gastaram já em conjuntos e fogo de artifício. Ainda há dias alguém nos chamava a atenção para os 700 contos ou mais, gastos em determinada localidade com bailes e aparentados. Entretanto, carências de habitação e outras, fundamentais para uma qualidade de vida de-

cente, são postergadas, sem que os «ais» de quem precisa ou sofre, sejam atendidos. A solidariedade e o sentido de partilha, infelizmente, parecem ou estão ausentes do viver do nosso tempo.

Fins meramente políticos ou de expressão de vaidade dos promotores ou responsáveis fazem esquecer aquilo que é prioritário. Os desperdícios, que a ninguém aproveitam, deveriam ser canalizados para acções benéficas em favor dos que mais precisam ou para colmatar algumas das necessidades básicas da cada grupo. Isto, claro está, sem menosprezo pelo convívio salutar entre as pessoas e a alegria que deve

Continua na QUARTA página

TRIBUNA DE COIMBRA

■ Ontem passei o dia na Praia de Mira onde estão, já há dias, os nossos mais pequeninos com seus guardantes. O mar estava manso e os pescadores lançaram as redes. Fui ver uma das redes que tinha saído há pouco e trouxera carapau que encantou os olhos e o coração de toda a gente. Uma rede a sair é sempre um espectáculo maravilhoso! Um espectáculo de palavras, de gestos e de esperança.

Quando o mar dá e os nossos meninos aparecem, os pescadores têm, geralmente, as mãos abertas. Ontem foi o Mário a encher o saco de plástico. Algum carapau e sardinha miudinha. O Mário chamou um para o ajudar e ei-los a caminho de casa, cada um a pegar no saco de seu lado. Passado pouco tempo, quando eu regressava ao local da nossa barraca, encontrei o Mário e o companheiro a tirar o peixe do saco e a encher as camisas:

— O saco rasgou-se — disse-ram eles.

Poucos momentos depois eles caminhavam areal fora, pegando nas mangas e na fraalda das camisas, carrega-

das de peixe. Quando chegaram a casa o peixe vinha quase todo moído, mas eles contentes.

Nesta tarde ficou-me muito gravada a «martelada» do Mário. O seu rasgo na resolução do problema. O ficar sem camisa. A alegria de servir. Tudo isto em contraste com suas deficiências: intelectualmente muito limitado; dum dos olhos quase não vê nada; tem um jeito especial para quebrar os óculos; nunca está calado; dá gritos por tudo e por nada; é mau vizinho; reza muito alto e sózinho; chora por qualquer coisa; mete-se com todos.

Meditei que o lugar do Mário deveria ser junto dos pais e dos irmãos, na sua terra que é a Covilhã. Mas... os pais não se entendem, não o querem e o Mário andava por lá à esmola do amor e do acolhimento dos vizinhos.

Benditas as mãos dos pescadores que se abrem e todas as mãos que se dão a estes Mários.

■ — Os maiores também dizem — foi a resposta

Cont. na 3.ª página

Do que nós necessitamos

Mais pessoas que se juntam. É sinal de que a Obra vai criando raízes. Gera-se preocupação, sensibilidade aos problemas dos Pobres, sejam crianças ou adultos.

Do Cartório Paroquial de Milheirós de Poiares, 4.000\$00. De Anónimo, de Vila do Conde, 5.500\$00. Mais 55.000\$00, da Maria Isaura; 100.000\$00, do Porto e mais o mesmo, do Castelo da Maia. Na simplicidade destas dádivas encontramos toda a sua Força. Da Covilhã, 50.000\$00 e metade do Filipe. O mesmo, da R. Carlos Malheiro Dias. Ainda o mesmo, de Graciete, em lembrança do seu aniversário, «cujas únicas alegrias foi a graça de poder partilhar do que ganho com o meu trabalho». Que dedicatória tão saborosa! Mais 64.909\$60, sufragando a alma de pessoa amiga.

Ana Paula, de Coimbra: «Só agora tive possibilidade de mandar uma migalha: 500\$00». Sacerdote muito amigo que sempre nos acompanhou, manda cheque de 50 contos.

Amiga, de Tabuaço, fez colecta entre amigos e mandamos 120.000\$. O pároco também anima. De um Deputado, 8.000\$. Mais, do Nuno: «Junto envio um cheque de 150.000\$ para a Casa do Gaiato e para o Calvário. Não desejo nenhum agradecimento». Mais delicadeza. Mais agradecidos porque se sentem devedores. Beijinhos para os «Batatinhas», da Celeste. Mais «uma modesta oferta que angariei entre alguns colegas». É uma anónima, do Porto, que fala e manda e faz viver em solidariedade. 5.000\$ do Paulo Guilherme e palavras de estímulo. É a vez de Guimarães com 200.000\$, de Ma-

ria Fernanda, «para ser aplicado no que for necessário». Precisamos de receber lufadas de ar fresco que nos reconfortem e nos dêem a esperança perdida: «O jornal O GAIATO traz a lufada de ar fresco, porque ando farto de tanta prosápia estéril, de tanto egoísmo feroz e de tantas vaidades absurdas. É reconfortante pensar que, talvez, haja ainda a esperança para o mundo distante da simplicidade, do amor e da generosidade». É a confissão de um amigo que nos manda 10.000\$. De Vila do Conde, 15.000\$, do assinante 6998. Mais 2.000\$, de Viseu; e 28.000\$, de uma Maria. Mais gente anónima que passa e continua a caminhar com mais paz. 50.000\$, de Santa Maria da Feira. A mesma quantia e esta nota: «Rigorosamente anónimo. Só peço orações pelas

melhoras de saúde do corpo e da alma de alguém que me é muito querido e está em perigo». 100.000\$, da assinante 113, do Porto, para a Conferência do SS.mo Nome de Jesus, Autoconstrução e Casa do Gaiato.

Ficamos contentes quando as mães nos falam dos seus filhos! Das suas alegrias, das suas dificuldades. Partilham connosco esta dimensão de paternidade e maternidade que tão viva está na Obra da Rua. De Mangualde, 5.000\$. O que faz a unidade de um lar? O que faz a unidade das pessoas? É o abrir-se. É o amor. Lares, como o do José Maria e Maria José são unidos. Amam e espalham amor, repartindo. Vieram com 10.000\$. A mesma quantia, de advogado, de Amaranthe. A catequese é um momento de muito valor para educar. Do grupo do 5.º volume do Centro de Catequese de Marinheiros (Leiria), 1.600\$. É o fruto de renúncias. Vieram 100 cobertores, da firma Moraes, Napoleão & Soares, L.da. Aqueceram e vão aquecendo as nossas camas e as dos Pobres que não têm dinheiro para os comprar. Passa outro sacerdote e não fica ao lado. Deixa 20.000\$. Presença habitual da Luísa, com 8.000\$; e 22.500\$, do João José. Mais um casal unido, com 10 mil. Contabilista, de Leiria, acrescenta 5 mil. Mais um cheque de 20 mil, de Espinho. Outro Centro de Catequese, de N.ª S.ª da Saúde, Bonfim, com 5 mil, em vale de correio. Notas de 100, 50; moedas de 25\$00, deixadas em nossas mãos por mãos calejadas de pescadores e de gente do campo. Mais 100.000\$ e «agradecia que fosse guardado o anonimato, sem referência sequer à cidade onde moro». Cumpra-se! Muito carinho do António e da Manuela num cheque de 50.000\$. Mais um «agradeço que não publiquem o meu nome». Amigo António, de Tondela, vem muitas vezes. Agora, com 25.000\$ e vai fazendo a experiência de se colocar ao serviço dos Outros, desprendendo-se com dificuldade, reconhece. Da Farmácia Monte dos Burgos, a mesma quantia. 50 libras, de Londres, porque «no Verão vim encontrar O GAIATO no Centro Católico Português de Londres e retomei o meu antigo hábito, estando sempre ansiosa por poder adquiri-lo e de o ler de ponta a ponta». É uma amiga que em criança ficava maravilhada com o que ouvia e lia sobre Pai Américo.

Elas aí estão! Perseverantes como gente convencida e vencida pela Verdade que encontram. É o grupo das Senhoras do Candal que enviam «estas migalhinhas, muito poucas, mas vindas do coração de todos nós» — 52.800\$, mais 9.050\$. Mulher que pede a graça de ser mãe, 5.000\$. Mais uma migalha, há muito prometida, de Maria Adelina: 10.000\$. Mesmo de longe, 168.000\$ — dos Estados Unidos da América. Ana Paula, de Coimbra, «só agora tive possibilidade de mandar uma migalha» — 500\$00. Sacerdote muito amigo que sempre nos acompa-

DOCTRINA



Já não há mais pranto nem dor
Dos Livros Santos

● (...) É uma homenagem sentida à memória do Padre César Roque, que nós perdemos... numa hora aflita e consternada. Quatro anos no Piódão, outros tantos no Mouronho, o jovem Pastor, a quem a Graça do sacramento da Ordem deu o bem conhecer almas e ser delas conhecido, deixa saudades em todos os corações. Nem o saber dos médicos, nem a dedicação de amigos, nem as mãos postas de muitos — nada. Nós querfamo-lo no mundo e Deus queria-o fora dele; levou-o, para o livrar!

● Catorze dias de cadinho doloroso e expiatório; comungou durante eles frequentes vezes, o nosso querido César, com devoção comovente. «Enquanto viver, quero amar», dizia, sem talvez dar fé de que este querer amar era-lhe causado pelo Amor! A última Comunhão foi no dia da morte; mais animada, mais conhecida, muito mais desejada. Sente a hora, ouve tropear, quer estar vigilante; é a hora derradeira. Responde nitidamente, conscienciosamente, às orações do ritual; precipita, adianta as cerimónias, não vá fugir-lhe a vida; e fica em suave murmúrio de paz, baixinho: «Que o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde a minha alma para a Vida Eterna». Morte preciosa; alegria interior; certeza para os que ficam à espera da mesma hora!

● Deu-se ao Povo; estimulou os Pobres; amou as criancinhas. O funeral foi uma apoteose viva à missão divina e transcendente do Sacerdócio Cristão. Foi justamente ao enviado do Senhor («Assim como Meu Pai Celeste Me enviou, assim Eu vos envio») que o Povo inteiro da freguesia veio, em réplica generosa e sentida, por entre lágrimas e silêncio, dizer ao seu Pastor que

Cont. na 4.ª página

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Naquele tempo, a barraca era quase normal — nos meios rurais. Mal se dava fé dos Pobres, por carências empoladas no último conflito mundial, seqüências dum subdesenvolvimento secular, etc.

O senhor Tomás Dias, que Deus haja, vivia numa mansarda prós lados de Santa Luzia. Ao contrário do habitual (por respeito aos Pobres!), revelamos nome e morada só como ponto de referência para a história do Património dos Pobres.

Vivia sozinho. Nunca ouvimos uma queixa da sua boca. Tampouco uma acusação. Homem de Fé, transparecia raios de Luz. Teólogo do coração — diria Pai Américo.

Um dia, assopra. Levanta-se do mocho. Pega na bengala, direita às paredes toscas, de granito desconjuntado, e ao tecto: — Não vai agantar outro Inverno!

Oh chispa!

Primeiro: Mestre Loureiro, que Deus haja também, terminara com seus homens a Aldeia dos Gaiatos — monumento de arte, abrigo do «Lixo das Ruas». Os trabalhadores iriam para o desemprego...

Segundo: No coração de Pai Américo tangiam dolorosas histórias de abarracados, gravadas ao longo duma vida de Recoveiro dos Pobres.

Terceiro: Tudo isso, mais a viacrucis do senhor Tomás Dias, despoletaram a construção da primeira, das primeiras moradias do Património dos Pobres, em Paço de Sousa,

quais luzeiros de milhares pelo mundo português, já que Pai Américo despertou — para a Missão — uma incontável legião de portugueses, de todas as raças e cores.

Se até ali (no País que somos), mal se operava no capítulo Habitação dos Pobres, surge então um marco que permanece, a dizer da necessidade de mais que urge fazer. Revelam-se outros Tomás Dias que, na Terra ou no Céu, lamentam a sua cruz ou a que os deixámos sofrer.

Hoje, é oportuno referir o Património dos Pobres, aqui nascido em 1951, nesta povoação que é parte integrante da História Pátria e berço dos nossos Maiores: Celebramos a subida de Pai Américo ao Céu, que na seqüência desta transcendente acção, sublinhou de maneira que toda a gente entenda: Cada freguesia cuide do seus Pobres!

■ Se, nos meios rurais, o Património dos Pobres é remédio para os sem-casa, que dizer dos da botica, indispensáveis à cura de muitos, alguns deles para sobreviverem a chagas provenientes da miséria em que jaziam?

Recentemente, à laia de utopia, referimos a necessidade dos Centros de Saúde fornecerem, gratuitamente, aos Indigentes, medicamentos de que precisem, em cuidados primários e não só, desde que as carências sejam avalizadas por entidades idóneas. Não seria favor nenhum, mas um acto de justiça!

Botamos a mão a mais dois casos que nos afligem, cujos pais — a caminho da terceira idade — aufferem pensões miseráveis que não chegam para o tratamento, quanto mais para o caldo e boroa!

— Os remédios são mais q'uma renda...! — exclama a mulher de um deles. A roda do mês — de conta dos nossos leitores — fornecemos aos Pobres contos de réis de medicamentos urgentes, seja para doenças graves ou outras que para lá caminhariam.

— Havia noutes que não pregava olho...! Se não fosse o remédio que m'aviaram, não sei que seria de mim!, diz o filho dum homem incapacitado pelo álcool, com sequelas de fome.

PARTILHA — Maria, de Castelo Branco, remete uma «migalhinha para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa», e «gostaria fosse um pequeno auxílio à mãe solteira de que fala O GAIATO n.º 1128. Se não for para este fim, para outro qualquer». Caridade inteligente!

Uma remessa, oportuníssima, da Rua do Comércio, Vilar (Cadaval). Assinante 11902, do Fundão: «a mensalidade de sempre». Perseverança cristã! Idem, do assinante 23618, com dois contos, cuja «aplicação nada há a dizer, pois sei que a importância será aplicada em conformidade com as necessidades mais prementes». Verdade imutável!

No fim, mas à cabeça da procissão, um óbulo de bom Amigo — da cidade do Porto — que nos afirma, ao telefone: se nos virmos apertados na solução de qualquer caso pendente, é só apitar, «sem escrupulos». Sempre assim aconteceu, graças a Deus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



nhou, sobretudo aos nossos pais de Lisboa: cheque de 50.000\$. Hermengarda agradece «a continuação da Obra do Padre Américo, também através de seus livros que tanto perpetuam sua memória. São de uma riqueza inesgotável e tanta alegria nos trazem», com 3.000\$00. Oferta de associados da Cooperativa de Fânzeres e alguns feirantes da feira de S. Cosme — Gondomar. Da Av. João XXI, 5.000\$00. Vem muitas vezes. Mais um sacerdote! Por vocação estão destinados a ser a manifestação do Amor paternal de Deus nas suas comunidades. A Obra da Rua sempre quis e quer trabalhar com eles no serviço dos Pobres das suas comunidades. Que não desanimem! Vem com 10.000\$00. Do grupo de Jovens de Saúde, Marco de Canaveses, pelas mãos do seu pároco tão dedicado e amigo, 17.500\$. Mais a presença da Maria Teresa e do Fernando. Da assinante 31254, 4.000\$. De Ilhavo, 5.000\$. De Tabuaço, 10 mil e 50.500\$ para os filhos que ninguém quer, mas não se podem perder. Do Abel Magalhães veio tudo o que nos pode dar! Vamos pedir-lhe mais porque os rapazes precisam dele.

Precisamos também de calçado. Veio uma caixa dele, de borracha, da sapataria Calçada, de Alcobaça. Estamos tão perto dos grandes centros de fabrico do mesmo, mas ainda ninguém lá entrou para nos abrir as portas! Vamos pelo nosso pé e não de receber-nos. Mas se alguém fosse à frente...

Vamos ver se fica arrumada a casa daquela família aqui falada. Temos passado por lá. Mais um sacerdote aparece no caminho da Obra da Rua com 20.000\$. Maria Manuela, recebemos os 10.000\$. Trazem a alegria com que os deu. Mais a perseverança das três amigas com três notas de 100\$00. De Vilar do Paraíso, chegou equipamento para a nossa gente. Muita Paz de Isabel Maria. Os medicamentos chegaram ao nosso Calvário. Tudo bem! Retribuímos o grande abraço cheio de amizade para todos os gaiatos. Esposa sufraga a alma de seu marido, dando 30.000\$.

Estamos em dívida; e é uma dívida muito grande. Os nossos rapazes tiveram prendas de Natal como as não teve a maioria dos filhos dos portugueses. Foi uma alegria! Só possível graças à dedicação de casas que abriram as portas a pessoas amigas, devidamente credenciadas para o fazer. Queremos agradecer. Ficámos confundidos. Não podemos pôr o nome de todos em O GAIATO. O espaço não chega. As pessoas amigas que deram esses mimos basta-lhes saber que alegraram a todos, pequenos e grandes.

Muitas notícias ficam ainda guardadas. Sairão a seu tempo. Outras ficarão no segredo da consciência e de Deus. E mais nada.

Padre Manuel António

PARA NÃO ESQUECER...

«Daqui a um ano, se Deus quiser...» Assim anunciava Pai Américo o nascimento do Calvário. Deus quiz. A Obra nasceu, cresceu e vive. Pai Américo não a viu mas sentiu-a e amou-a. Foi a sua última inspiração reveladora de um longo caminhar em que o amor humano se purifica e o amor divino se revela.

Viver o amor e a amizade na esfera familiar e social é pura normalidade nas relações entre os homens. Procurar o Pobre e enamorar-se dele é uma aprendizagem mais subtil mas que ainda tem recompensas humanas, como seja o «muito obrigado, meu senhor». Investir no «gaiato da rua», amá-lo, é um risco que pode não ser rentável em termos

de contrapartidas gratificantes, mas fica-nos sempre o seu sorriso. Porém, amar o doente incurável, deficiente e abandonado é loucura de amor divino. Foi essa loucura que fez nascer o Calvário.

Muitas vezes Pai Américo terá escutado o Profeta Isaías: «A quem se revelou o braço do Senhor? O meu Servo cresceu diante do Senhor como um rebento, como raiz numa terra árida, sem distinção nem beleza que atraia o nosso olhar, nem aspecto agradável que possa cativar-nos. Desprezado, repellido pelos homens, homem de dores, afeito ao sofrimento, é como aquele a quem se volta a cara, pessoa desprezível, do qual se não faz caso». É este homem que é a

razão de ser do Calvário e a razão de ser das vidas que aí se dão.

No interior da Obra da Rua, o Calvário será sempre um sinal pequenino, é certo, mas um sinal que aponta o cami-

nho do amor, da entrega, da renúncia, do dom. No seu apagamento será também um grito de esperança na nossa sociedade que se humaniza na medida em que é capaz de acolher e amar os incuráveis e abandonados. Queremos, no seio da Igreja e da humanidade, partilhar a nossa alegria e dor com todos os pais, irmãs, familiares e pessoas que se dão ao cuidado dos doentes, sobretudo dos deficientes. Na nossa pequenez e pobreza, como os compreendemos e quanto os amamos!

Padre Cristóvão

Correspondência de Família

A NOSSA HOMENAGEM

Há um Américo Monteiro de Aguiar enterrado na Capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Os seus rapazes chamaram-lhe Pai. Mas há milhares de «Américos de Aguiar» na consciência e na memória dos que o conheceram ou na dos que, amanhã, dentro de vinte anos, venham a conhecer a sua Obra e a sua vida.

Neste dia, quando obrigatoriamente o temos de recordar, porque o mundo pelo qual morreu é um caudal de fogo, ódio e morte, comemora-se mais um aniversário da sua morte. Foi há 31 anos.

Porque a imagem deste ho-

mem, a força da sua voz e a sua maneira originalíssima de ver a vida e a morte, deixam-no para sempre no coração daqueles que o conheceram.

Estou recordando um Pai cuja paixão o conduziu à glória de morrer para que seus Pobres e Rapazes abandonados vivessem como filhos do mesmo Pai. Deixou-nos a sua doutrina mais pura de amor.

Estes mesmos Pobres que defendeu corajosamente, encontram um verdadeiro homem do seu tempo, comprometido perante o Mestre, com lucidez, valor e honestidade.

Pai Américo: aqueles que ontem eram vistos como marginais e inúteis, continuam a tua luta. Há que fazer uma pausa, ler a tua Obra, repensar a tua vida. Não se trata de mais uma homenagem, mas de um imperativo desta hora de glória.

Pai Américo, jamais te esqueceremos. Pai Américo, 16 de Julho para sempre!

Benguela, Julho de 1987

Solano»

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª página

pronta que o «Batalha» deu a quem lhe chamou a atenção por um palavrão que lhe safu da boca. «Os maiores também dizem, até na televisão». O «Batalha» continua a dizer palavrões. Ontem, na areia, ouvi-lhe duas vezes. Ameacei-lhe a língua.

Na nossa última reunião de chefes foi abordado o problema da linguagem em nossa Casa. Alguns dos mais pequenos dizem muitas asneiras.

Isto parece ser também crise nacional. Crise de delicadeza nas palavras e acções e pouco respeito pelo Outro.

Olhei para o «Batalha» e

fiquei triste. Ele também é uma criança triste. É filho de pai e mãe que nunca o aceitaram. Foi acolhido pela avó que é muito pobre e surda. Ela continua a mostrar amor «ao meu netinho».

O «Batalha» tem sido uma criança difícil. Na escola, pouco aprende. É quisilento com os outros. Tem de continuar a ser dos nossos, pois a sociedade portuguesa não tem lugar próprio para estes cidadãos. As Casas do Gaiato têm de continuar a ser vasadoiro de crianças. Ele irá continuar a dizer asneiras para se vingar dos maiores. Ele e muitos outros.

Padre Horácio

Retalhos de vida

David «Madalena»



Sou o David António Nogueira, conhecido por David «Madalena». Nasci na cidade de Vila Nova de Gaia, em 1971. Vou, por isso, fazer 16 anos.

Vim para a Casa do Gaiato porque os meus pais separaram-se.

Ando na Escola Primária e trabalho na vacaria.

Quando for grande gostava de ser carpinteiro.

David António Nogueira Pinto

DOCTRINA

Cont. da 2.ª página

tudo quanto agora lhe dava, já o tinha recebido durante os quatro anos do seu apostolado pobre, humilde e fecundo.

● Amigos e condiscípulos do nosso muito amado e muito querido César, todos vós, e eu também, lançando a mesma semente no seio da pobre Humanidade, tanto mais amada quanto melhor conhecida, façamos todos aqui um minuto de silêncio a observar, como eu observo, o espectáculo mais emocionante da minha vida inteira: o César na sua urna, rodeado de blocos de luz de azeite que o bom Povo trazia em candelas para alumiar o Pastor.

Ó Amén!

(Do livro *Pão dos Pobres*-1.º vol.)

OS NOSSOS LIVROS

É sábado. Acaba de chegar a primeira remessa do «De como eu fui...» completamente pronto. Folheio... Não resisto; leio os três primeiros e o último artigo.

«Princípio e Fim; Alfa e Ómega» — eis o Senhor. É Ele Quem enche estas páginas. Ele o Procurado em cada saída. Ele o Achado em cada regresso. Ele a alegria de todos os encontros. Daí a sedução destas crónicas de viagem.

Quantas vezes as li desde a primeira nas páginas d'O GAIATO! E mais recentemente na missão de seleccionar os textos, de corrigir provas, primeira, segunda vez! Hoje, porém, sou um leitor qualquer, liberto de critérios, indiferente a gualhas, embebido no sabor virginal desta prosa que, em cada leitura, é revelação!

De hoje a quinze, quando este número te chegar às mãos, querido Leitor, estarás em condições de saborear também, porque segunda-feira e durante a semana (que é de fazer O GAIATO, não de ex-

pedi-lo) será o desencadear da enxurrada para os cinco mil e tantos que têm nome nas fichas da Editorial.

Depois, começará outra enxurrada, de sentido contrário, com as notícias que cada um tem necessidade de comunicar: «De como eu gostei...» E Júlio, que não perde maré, irá dando escape à «expansão».

As nossas edições são fonte de diálogo e matéria de louvor divino. Pai Américo não pôde calar as experiências que Deus lhe deu viver. Os leitores não podem calar a emoção que os estremece ao lê-lo. Não há as críticas, geralmente herméticas, que os especialistas usam escrever das obras literárias dos profissionais. Aqui trata-se de Vida e a Vida não sofre críticas. Trata-se daquelas Verdades que o Senhor do Céu e da Terra esconde aos sábios e aos inteligentes e revela aos pequeninos». Por isso, todos os que têm a inteligência evangélica da pequenez, alinham na emoção da simplicidade, nivelam-

-se perante a essencialidade da mensagem, sejam de poucas letras ou doutorados — que em Pai Américo a Sabedoria está acima da Ciência; e se ambas são dons do Espírito, aquela é exclusiva d'Ele.

O próximo livro (já na tipografia) é uma obra especialmente rica nesta perspectiva dialogante. Chamar-se-á «Correspondência dos Leitores». Não sei se será possível vir à luz ainda este ano porque não é só ele que está em mãos. Quem dera os nossos gráficos se tomem de bríos e vençam dificuldades!

Eu estou ansioso por que tudo quanto Pai Américo escreveu esteja ao alcance dos muitos que o apeteem e de mais outros (Este ano foram tantos, graças a Deus!) que vão conhecendo esta parte da sua Obra, não feita de pedra e cimento mas nem por isso menos importante, de tão di-

recto o seu efeito nas almas — e que por isso queremos tornar visível e palpável!

Tanto trabalho ainda à nossa frente, parte dele só alinhavado! São dois volumes sobre o Famoso, a sua vida e os nossos livros. Mais outro com textos pedagógicos. São, pelo menos, dois versando o Património dos Pobres e a Autoconstrução. Um terceiro volume do «Isto é a Casa do Galato» para o qual há material de sobra. E um riquíssimo (Quem diria?!), mas muito trabalhoso, que há-de ser o catar em «Do que nós necessitamos» substanciosos excertos de doutrina perdidos entre mais isto e aquilo que nos deram ou aqueloutro de que se precisa e se pede.

Finalmente, «Cartas» — uma selecção entre centenas escritas ao longo da sua vida («pública») (e também da «escondida») que além de mostra do seu estilo conciso e contundente, constituem estudos magníficos para o seu retrato inteiro.

Que Deus nos ajude.

Padre Carlos

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

estar presente nas relações humanas. Sobriedade e discreção, aliás, não impedem que as pessoas se divirtam e alegrem, que a vida também é e precisa disso.

Praia — Um grupo de 30 Rapazes encontra-se em S. Julião da Ericeira, mais uma das nossas poucas senhoras. De resto, é pelos mais pequeninos, sobretudo os mais raquíticos, que continuamos a apostar nas nossas colónias de férias de mar.

Em tempos tínhamos a colaboração de Seminaristas ou Jovens que, empenhadamente, se colocavam ao serviço dos nossos Rapazes. Estes, por falta de maturidade, com excepções, como é evidente, nem sempre estão à altura de dirigir, sem a presença de alguém mais experiente, um grupo de 30 jovens. Daí as nossas preocupações acrescentadas nesta época estival.

As férias nem sempre são entendidas como tempo de relaxe e descontração, simultaneamente retemperadoras, física e espiritualmente. Daí que, em muitos casos, se tornem ocasião de desperdício de energias e de dissolução moral, regressando as pessoas à vida normal mais cansadas e pobres de valores espirituais.

Acresce ainda que, premeditadamente, muitos cristãos, para mal dos nossos pecados, olvidam o «Centro» pelo qual devem aferir sempre a sua conduta e mandam para férias o seu Cristo...

Tendo as nossas palavras um sentido geral, que ao menos sejam lidas e aproveitadas pelos nossos Rapazes, não esquecendo o privilégio que lhes é concedido, enquanto centenas de milhares de outros, jovens e crianças, não têm iguais oportunidades.

Centenário de Pai Américo — Está marcado para o dia 8 de Dezembro o encerramento das comemorações centenárias na Vigararia de Loures, com a presença do Senhor Bispo da zona, Clero e cristãos comprometidos nos movimentos e obras. A seu tempo daremos nota do programa respectivo.

Pavilhão polivalente — Embora não inaugurado, já há muito tem servido os nossos Rapazes e as Paróquias visitantes. Construído sem dinheiro, passe a expressão, representa, sem dúvida, um enriquecimento das estruturas desta Casa, ao serviço dos Rapazes e daqueles que até nós chegam. Louvado seja Deus!

Padre Luiz



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

16 de Julho

Cont. da 1.ª página

garoto da rua, que fazer? E começa a história das Casas do Gaiato. Diante do que nada tem de seu, sem casa, inválido ou incapaz, ou do trabalhador que não pode, sózinho, levantar-se, que faz? E começa a história do Património dos Pobres. Diante do trabalhador parou? Não. Quem ama não pára. E quem ama muito, só

pára quando o coração deixar de bater. Assim aconteceu com Pai Américo. O doente incurável, sem terra nem beira; que não tem lugar nos hospitais nem outro sítio ou outras pessoas que cuidem dele, que fazer? E nasceu o Calvário como expressão mais delicada do amor paternal de Deus semeado no seu coração.

Foi assim, no encontro com as situações do dia-a-dia, bus-

cando sempre as soluções ao seu alcance, que Pai Américo preparou a sua partida. Sua mensagem ficou conosco. Ele e ela identificam-se. «Meti-me dentro dela. Reflectia. Ruminava. Quando subia ao púlpito ia a ferver... O GAIATO é o meu púlpito. Os leitores o auditório. A nota é só uma — a paixão da Obra da Rua por todos os que nela se abrigam.»

Por isso, sentimos Pai Américo muito presente. Nem sequer precisamos de escrever um «Postal para o Céu» como costumava fazer o nosso Daniel, a contar-lhe os segredos do seu coração de rapaz; a falar-lhe como filho ao pai.

Mas temos muito para dizer a Pai Américo neste 16 de Julho, do ano centenário do seu nascimento.

São muitos os que esperam na rua o lugar que merecem nas Casas do Gaiato ou no Calvário. Vamos pelo caminho da confiança, perguntando onde estão aqueles ou aquelas que querem matar a fome de Amor e Justiça dos caídos na estrada da vida.

Caminhamos muito devagarinho. Foi sempre assim. Mas não queremos parar nem desanimar e continuamos a anunciar que acreditamos no poder do Evangelho.

Pai Américo, podes fazer muito mais agora do que quando vivias no meio de nós. Teu testemunho seduziu padres e leigos. Tua Obra cresceu porque caíste no sulco da terra como o grão de trigo.

A Obra da Rua precisa de homens e mulheres, agora como no princípio, que aproveitem o que a sociedade bota ao lixo.

Ficamos à espera, de braços estendidos e coração pequenino porque sentimos que não temos sido fiéis como tu foste.

Padre Manuel António



A zona ribeirinha do Porto, o Barredo (quando será totalmente recuperado?!), jamais esquece as peregrinações de Pai Américo a dar voz aos sem voz. «Lugar onde a nossa presença é estimada», confessa, porque «Terra de Mártires, de Heróis, de Santos».